



Joana Astolfi

"A criatividade é a minha base e a forma de me expressar"

Amor à arte

Arquiteta de formação, mas artista de coração e alma. É assim que podemos definir a criadora do Studio Astolfi, onde junta essas duas áreas de saber com muita mestria e criatividade; aliás, esta é a sua grande paixão. A arte, diz, é a sua salvação e onde se sente livre.

meio desse mundo, o meu pai era arquiteto e a minha mãe tinha uma galeria de arte. Quando escolhi ir para Arquitetura em vez de Artes, talvez não soubesse, mas já era óbvio que iria fundir as duas e ter uma abordagem mais artística da arquitetura, mais teatral e mais cenográfica. É isto que fazemos na nossa arquitetura de interiores, brincamos muito com os materiais, com a luz, com apontamentos e objetos. A forma como lidamos com o espaço tem muito que ver com essa transversalidade e com o querer criar algo inesperado, mas sempre com conteúdo. Cruzando sempre tudo isso com o Departamento de Arte, onde fazemos as montras e as intervenções artísticas sob encomenda. Que eu saiba somos o único estúdio em Portugal que tem um departamento de Arquitetura e um de Arte.

A paixão é o motor do seu trabalho?

Claro, é ela que alimenta isto tudo. Há pessoas que dizem que é um privilégio fazermos o que gostamos e é, mas não é uma sorte, foi construído e tem muito suor por trás. É preciso trabalhar muito para hoje sentir que não há um dia em que trabalhe, porque faço o que amo. Trabalho muito, mas é um prazer, apesar de também ter momentos chatos. Divirto-me muito no dia a dia, não tenho rotinas, não há nenhum dia igual aos outros, o que é fundamental para mim. Um dia, estou na obra, no outro, a visitar uma casa que vamos reabilitar ou estou no estúdio com a equipa ou na oficina das artes a criar uma intervenção.

Quão importante é o contar uma história em todos os seus projetos?

O *storytelling*, o criar uma narrativa, é a base do meu trabalho. Cada espaço, cada objeto, cada montra começa sempre com um conceito que é uma história que vamos contar através da nossa linguagem, que temos vindo a criar ao longo dos últimos 20 anos.

Isso fez com que contruísse um estilo muito próprio?

A linguagem Astolfi foi acontecendo. Estudei Arquitetura, mas sempre gostei muito de arte, cresci no

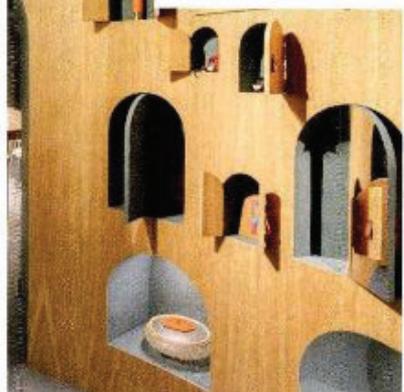
"Não trabalho;
faço o que
amo"





Exemplos

Joana Astolfi combina arte e arquitetura como poucos e quisemos saber quais são as suas referências nessas duas áreas. Na primeira, destaca Sophie Calle, René Magritte, Rachel Whiteread e Helena Almeida; na segunda, Pierre Yovancvitch, Dorothee Meilichzon e Ananabel Kutucu.



Os auscultadores iShell que lembram quando, na infância, usávamos uma concha para ouvir o som do mar



É uma apaixonada pela criatividade?

Sem dúvida. É o que eu sei fazer e é a minha base. É o meu refúgio e a minha forma de expressar.

De tudo o que faz, o que mais gosta de fazer?

É difícil de dizer, mas posso dizer que a arte é a minha salvação, é a liberdade, é onde não há certo nem errado, é uma coisa mais livre, por isso, talvez goste muito de fazer montras e fazer intervenções de arte. São trabalhos que vão buscar a criança que tenho dentro de mim e onde me expresso de uma forma muito diferente. Mas é tudo Astolfi e tudo se toca, contudo, na arquitetura, apesar de brincarmos e criarmos experiências, a obra é dura, tem muitos problemas e logística. Adoro desenvolver espaços, mas onde me divirto mesmo a sério é com a arte.

Esteve 12 anos fora de Portugal. Esse período foi fundamental para o que é hoje?

Sim. Os meus pais (o meu pai é brasileiro) sempre quiseram que eu conhecesse pessoas do mundo inteiro e que fosse uma cidadã do mundo e, desde os 5 anos, estudei numa escola internacional, além de termos viajado muito e de me terem exposto a muita cultura e arte. Quando fui para a Grã-Bretanha aos 18 anos, senti que era capaz de ir sozinha, porque eles criaram uma base muito forte. Fui exposta a muita coisa, como qualquer jovem naquela idade nos anos 90, e sempre fui muito aventureira, mas acho que me saí bem. Experimentei muita coisa, mas sempre soube até onde podia ir. Passei por Cardiff, Londres, Munique, Los Angeles, Treviso e foi aqui, na Fabrica da Benetton, que passei dois anos muito importantes. Eu sabia que tinha de ir para lá, foi lá que conheci muitos génios e pessoas que pensam fora da caixa e eu sabia que pertencia a esse mundo. Regressei com uma bagagem de vida gigante e isso deu-me um a certa coragem e à vontade com qualquer pessoa

que entre no meu estúdio. Ter um estúdio foi algo que nunca tinha pensado e, agora, somos 20 pessoas. Foi tudo muito orgânico e fui mantendo a pauta do rigor, mas sempre arriscando um pouco sem medo de errar. O erro transforma-se.

Quando regressou a Lisboa, a cidade ainda não tinha a pujança de hoje. Já imaginava que isto ia acontecer?

Não. Eu vinha passar um mês ou dois, porque sou muito mediterrânica e latina, há sempre aquela saudade e a ligação à luz e ao clima. Mas as coisas começaram a acontecer, comecei a trabalhar com a Experimenta Design, depois, fiz a exposição dos 100 anos da CUF. De seguida, já estava a fazer o *showroom* dos Storytailors e a começar a trabalhar com o José Avillez. Depois, veio a Hermès e, partir daí, foi um *boom*. Mas claro que sempre pensei que, se me apetecesse voltar a sair, o faria. Entretanto, a cidade mudou muito e não sei se numa maior teria deixado uma marca como a que tenho em Lisboa, mas tenho projetos internacionais e metade dos meus clientes já são estrangeiros.

Se não vivesse em Lisboa, que cidade escolheria?

Disse sempre que seria Roma, porque estou muito ligada a Itália, a minha avó era italiana e falo italiano, mas, nos últimos 2-3 anos, tenho sentido uma aproximação a Marraquexe e sei que em breve, que pode ser daqui a cinco ou dez anos, vou para lá. Vou lá várias vezes por ano e encontrei-me ali. A calma que me transmite, o artesanato, as texturas, as cores inspiram-me e transmitem-me um bem-estar gigante. Dá-me vontade de criar.

Além de Marraquexe, o que mais a inspira?

Conhecer pessoas fascinantes e ouvir as suas histórias de vida, viajar e conhecer sítios novos, o calor e o sol e ando sempre atrás deste. Por isso é que também gosto de Marraquexe, de Maiorca, do Mediterrâneo, que também me inspira muito. A minha filha, que tem 10 anos, e a sua energia também me inspiram, tal como ver artesões a trabalhar.

O que gostaria de fazer que ainda não fez?

Quero fazer uma cadeia de hotéis, que se chamarão Casa Astolfi, em Portugal e fora. É um projeto que já tem 4 anos e já está montado. À partida, vamos começar com a primeira este ano, em Lisboa, estamos a ver espaços e já temos investidores. Serão hotéis pequenos, daí o nome casa, com 10-20 quartos, onde se poderá viver toda a experiência Astolfi, porque nós já desenhamos espaços para dormir, comer, relaxar para vários clientes e, numa Casa Astolfi, teremos tudo isso. Será uma casa longe de casa, com um bistrô-bar, uma loja de artesanato, um espaço exterior com uma pequena piscina e com uma programação cultural. Serão espaços mutantes e dinâmicos que reúnem tudo o que gosto.